

SEGUNDA-FEIRA 28

1962 ● MAIO

LISBOA ● ANO XXXII

N.º 11.102 ● PREÇO 1\$00

# DIÁRIO O Obreiro da Pátria SALAZAR, o Obreiro da Pátria

Editor: António da Fonseca — Proprietária: Companhia Nacional Editora — Redacção, Administração e Oficinas, Rua de Misericórdia, 95 — Telef. 30737 — End. Teleg.: DAMANHA

# 28 DE MAIO

A Revolução Nacional de 28 de Maio foi principalmente um acto de revolta contra um estado de espirito.

Certo, o sistema político então vigente era mau. Copiado de modelos estranhos, tinha o defeito do velho relógio de Sol, que os romanos levaram do estrangeiro e não marcava as horas certas em Roma. Os homens que serviam esse regime — e entre eles alguns havia da maior respeitabilidade — viam, com aflicção, os seus esforços dissolver-se na desordem que dominava as ruas, na falta de disciplina dos serviços, na desorganização geral, e sem sentido de vida colectivo. O editor da revista de Maio definia a situação desta maneira: «O país não pode continuar porque é, em

Em rigor, nem pode

sistema político, e

portuguesa naq

tema e, com

nhos defini

minhos, NE

anterio do 28 de

tisse com a força

sem um tiro.

Entre as pessoas que entraram no movimento libertador chefiado por Gomes da Costa havia quem pretendesse efectivamente uma revolução nacional, mas também não faltou um ou outro a sonhar apenas com uma substituição de partido (deixando o ambiente na mesma desorientação pantanosa), ou com um intervalo de reorganização em período ditatorial, para voltar depois à situação anterior. Diga-se de passagem que todo o período da sociedade constitucional foi uma serie de épocas de desordem parlamentar alternando com espaços de ditadura, estes em regra mais produtivos.

Alguns, poucos, desiludiram-se logo, reconhecendo não ser a revolução que pretendiam — da mesma maneira que anteriormente tinham verificado não ser a república instaurada aquela com que tinham sonhado. Há sempre sonhadores destes, a defender uma ideia e a tropeçar no desencontro desta com a realidade. Pessoalmente são gente muito estimável; mas não pertencem à categoria dos cidadãos socialmente úteis.

Os primeiros dois anos após o 28 de Maio foram de procura do caminho, do sentido de vida, de consciência das próprias forças, que a Nação desorganizada não tinha. Só com o aparecimento de Salazar se conseguiu a modificação radical do estado de espirito. Só com Salazar o País ganhou consciência de si mesmo, teve ânimo para sacrificios, conseguiu uma doutrina que informou instituições adequadas às condições peculiares da Nação, teve a noção dum destino de comunidade.

O movimento de Gomes da Costa foi a eclosão física de uma vida nova. Só com Salazar, porém, essa vida teve consciência e teve um sentido definido na inteligência e norteador na acção. Teve e tem, graças a Deus, E aqui, precisamente, a nossa maior força.



Salazar, o Obreiro da Pátria

NAS VÉSPERAS DO 28 DE MAIO

**DESESPERADA COM A DESORDEM**  
a consciência nacional ansiava  
por um movimento militar de salvação

É difícil às novas gerações entender o valor da primeira obra da Revolução Nacional — o restabelecimento da ordem pública. Nascidos há cerca de trinta anos, esses jovens portugueses desconhecem, por completo o que significava viver a Nação no regime de revoltas quase diárias, de crimes políticos, de emboscadas. Mesmo aqueles que pertencem — ou dizem pertencer — às classes intelectuais não podem avaliar, na sua justa medida, o que representou a transformação levada a efeito na vida quotidiana do País. Deste estado de coisas, deste desconhecimento, desta inexperiência nasce, por vezes, uma apatia, um encolher de ombros que, se não significa indiferença, quer dizer «não importa»...

Há já uma noção colectiva de que «aquelas coisas» lêem-se nos jornais porque acontecem lá fora. «O nosso povo tem outra noção» — dizem, por comodidade, os ingénios.

Efectivamente, o regime de paz em que os jovens de hoje nasceram e se criaram leva à depreciação do valor que está patente e ao menosprezo pela tragédia que eram os tempos idos.

Fora qualquer opinião política apaixonada, podemos dizer que, se a obra da Revolução Nacional não tivesse sido outra, ela seria positiva só pela tranquillidade que trouxe à Nação, pela paz que fez reinar, pela calma que insuflou ao todo nacional.

Basta que se diga que, antes de 1926 a escola, o trabalho e, até, o divertimento estavam ameaçados pelos tumultos promovidos pelos partidos políticos ou pelos grupos que lhes obedeciam. A população sentia, acima de tudo, que estava privada da sua liberdade máxima — a liberdade de movimentos de fazer o que apetece e quando se quer. A revolta era senhora da rua e a vida de cada pessoa não se apresentava com qualquer importância perante os designios interessetiros de um grupo, de um partido ou, mesmo, de um chefe político.

Mas a juventude é desconflada. Não acredita naquilo que lhe contam. E muito menos crê se a obra não for palpável, não

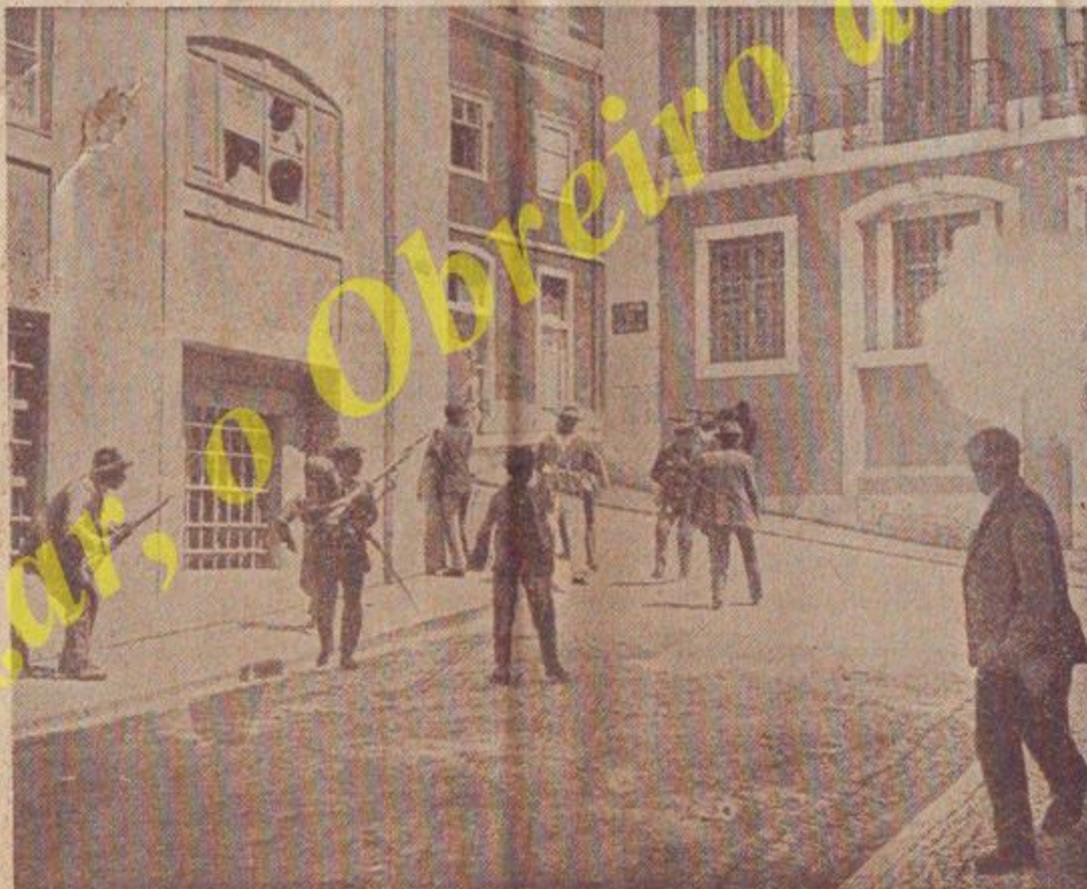
problemas e dos bens nacionais imediatamente, pois qualquer atraso pode ser fatal para a Nação.

É preciso fazer entender que hoje as escolas não estão ameaçadas, mas que antes do 28 de Maio, nos tempos das revoltas quase diárias, as bombas não escolhiam os objectivos a atingir e os edifícios escolares não escapavam à vaga devastadora.

Afirmam outros — talvez as gerações dos quarenta — que os jovens mudarão de opinião quando amadurecerem. É preciso esperar... No entanto, a hora não é para adiamentos. A hora é agora. A juventude de hoje tem de tomar consciência dos

## Temos o dever de nos opormos ao descalabro nacional

Os jornais de 1926 dão-nos uma ideia precisa do ambiente que se vivia então no País.



UMA DAS CENAS QUASE DIÁRIAS ANTERIORMENTE AO MOVIMENTO NACIONAL DE 28 DE MAIO

«O País nada tem, nada possui». Está à beira da miséria. Somos um País de turismo e não temos estradas; temos apreciabilíssimas fontes de receita económica, e destruimo-las; vencemos a guerra e fomos derrotados na paz; temos Colónias e não as cultivamos, deixando-as andar ao acaso das ambições dos de fora; temos possibilidades, mais do que nenhum outro povo, de ressurgir financeiramente e cada dia estamos mais arruinados. E, tudo isto porquê? Porque não nos têm governado pessoas competentes, idóneas, capazes de realizar a obra que está por fazer e a qual todos aceitamos por snobismo, vaidade, ou... desejo de enriquecer.»

E acrescenta, categórico:

«A que temos nós assistido, no decorrer dos últimos anos? Ao espectáculo degradante de roubos, depravações, excessos de incompetência, falta de vergonha e de brío — eu sei lá!»

Noutro passo das suas declarações pôde acentuar o General Gomes da Costa:

«Temos nós (os oficiais do Exército), porventura, o direito de ver o País desaparecer, pouco a pouco, não envidando os nossos melhores esforços no sentido de o salvar duma derrota fatal, cujas consequências são difíceis de prever? Não temos nós, porventura, o direito de nos opormos, com todo o nosso amor pátrio, ao descalabro nacional que se avizinha a passos velozes? É-nos lícito, por acaso, esquecer os galões que temos nos braços e o juramento de honra que fizemos, não procurando por todos os modos e feitiços defender a Pátria contra tudo e contra todos?»

## Os autores da desordem não desarmavam

Foi contra a atmosfera de ansiedade, de incertezas e de receio que o Exército se ergueu em Braga, para fazer voltar a este País a tranquillidade e a ordem, condições fundamentais para o progresso e para uma actividade nacional produtiva.

Foi, digamos, uma revolução

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

# NAS VÉSPERAS DO 28 DE MAIO

(CONTINUAÇÃO DA 3.ª PAG.)

sem tiros contra aqueles que tinham feito a sua política à base de mortes e de assaltos.

«A Época» escreve, pouco depois da arrancada de Braga, pondo em evidência aquilo que o Exército pretendia dar por terminado no País:

«Está triunfante o movimento militar, e ainda bem que ele se operou sem ter sido necessário empregar meios violentos. Quase todas as guarnições reconheceram e cumpriram o seu dever.

«Acolhemo-lo com esperança e simpatia, desde que começou a esboçar-se. Regozijamo-nos com o seu triunfo.»

Mas os autores da desordem e da anarquia não desarmavam. Temiam pelo fim da sua hegemonia. E «A Época» denunciava-os:

«Acontece, porém, que nalgumas guarnições de Lisboa, oficiais com tendências políticas conhecidas, têm andado a fazer algumas gincanas que merecem a formal reprovação e

ta denunciar ao País e aos verdadeiros dirigentes do movimento; ao País para que fique sabendo como, nesta hora em que nasceram fundadas esperanças de uma séria e fecunda transformação dos nossos costumes políticos, ainda há no Exército quem não tenha pejo de fazer o jogo dos políticos, pretendendo empalmar ou desviar em seu proveito o movimento, cuja finalidade consiste precisamente em libertar a administração da acção ruinosa e dissolvente dos partidos; aos verdadeiros dirigentes do movimento e, com estes a todas as guarnições militares que galhardamente os acompanharam, para que estejam de sobreaviso contra as manobras de criaturas que não sabem sacrificar os interesses pessoais e de facção a favor do bem comum e do movimento nacional.»

vitória do movimento, do qual esperava o termo da hegemonia democrática, a inutilização dos politicamente corruptos, uma reforma da administração pública, uma acção de continuidade governativa e de extinção da política alimentar; a substituição do sectarismo dominante pela garantia das liberdades essenciais».

## O ambiente em Lisboa e no Porto

Em LISBOA, o ambiente nos primeiros meses de 1926 caracterizava-se pelo desespero popular. Queria-se viver em paz, queria-se poder trabalhar, queria-se ganhar o pão de cada dia.

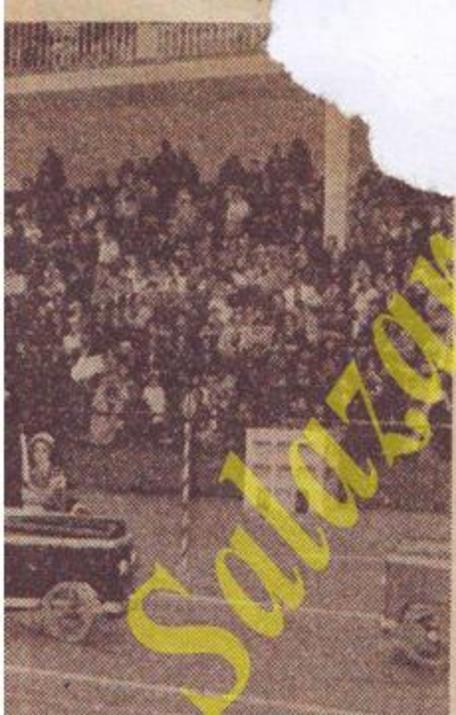
E foi por isso mesmo que a atmosfera na capital, após a arrancada de Braga, passou a ser totalmente favorável aos revoltosos de Gomes da Costa, muito contribuindo para esse estado de coisas a atitude tomada pela imprensa, quer dedicando grande parte do seu noticiário ao movimento que eclatava incessantemente por todo o País, quer dando conta do que acontecia nos jornais da manhã — «O Mundo», «O Seculo», «O Mundo» — não se publicava, do como sinal de protesto contra as imposições do governo democrático.

No Porto, o ambiente é idêntico. O «Jornal de Notícias» escrevia, ao abrir o seu noticiário:

«Está triunfante o movimento. Pelas notícias recebidas de Lisboa e do resto do País, as unidades militares aderiram ao movimento e agora só resta consolidá-lo, promovendo ainda algumas providências de carácter militar que faltam. Mas não é só preciso consolidá-lo materialmente com medidas de defesa para os revolucionários que não desejem perder os louros. Urge consolidá-lo no espirito da Nação, fazendo justiça a todos e produzindo uma obra social de ressurgimento político e económico há muito tempo ansiada pelo País».

«Temos confiança em que as forças que desde as primeiras horas acompanharam os Generais Gomes da Costa e Carmona, bem como as que depois sinceramente e lealmente aderiram ao movimento, não consentirão que ele seja empalmado em Lisboa, ou desviado da sua verdadeira finalidade nacional, por agentes dos políticos que junto a algumas unidades ontem andaram manobrando.

«Chegou mesmo a correr ontem de tarde que esses agentes haviam pensado em provocar um contra-movimento em Lisboa, antes que os comandantes gerais das forças do Norte e do Sul chegassem à capital e pudessem decidir da constituição política do governo que há-de ser o verdadeiro representante do movimento realizado.



ENTE DA P. S. P. NUMA DEMONSTRAÇÃO DOS DESPORTOS

Obter

Salazar

vimento realizado.

«Julgamos prestar um bom serviço ao País e a todos aqueles que com sinceridade e boa-fé acompanharam o movimento, tornando conhecidas estas manobras, por todos os títulos deploráveis».

## Todos esperavam o termo da hegemonia democrática

A vontade nacional está sintetizada na pena desse grande jornalista que foi o conselheiro Fernando de Sousa, no editorial de 31 de Maio:

«O movimento militar, que teve ontem a sua hora de triunfo, foi recebido com júbilo pela nação inteira, politicantes à parte.

«A desordem administrativa, financeira e moral em que vivemos há não poucos anos, originava profundo descontentamento, mau estar e inquietação crescentes.

«A visão do futuro tornava-se cada dia mais pessimista.

«No meio do descalabro nacional apelava-se com ansiedade para o Exército, única força organizada que numa hora de suprema crise poderia ser o ponto de apoio de uma acção enérgica e patriótica.

«Seria um movimento militar a tábua salvadora a que a nacionalidade se agarraria para escapar à voragem.

«A incompatibilidade entre a república democrática e maçónica e a tradição e temperamento nacionais era manifesta, e os partidos políticos encarregavam-se com eficácia crescente de evidenciar a situação do País pela redução do regime ao absurdo da ficção parlamentarista que encarna.

«Todos, sem distinção de classes e opiniões, exultaram com a

## «Era impossível continuar»

O vespertino monárquico «Acção Realista», que consegue iludir a vigilância policial imposta pelo Governo democrático, lança, no dia 28, uma edição em que afirma desejar touar a população de Lisboa o triunfo do movimento militar.

É uma afirmação que dias mais tarde recebeu uma confirmação flagrante: em 6 de Junho, milhares de pessoas aclamam, até ao delírio, o General Gomes da Costa e treze mil soldados que, durante horas, desfilarão do Campo Grande à Praça Duque de Saldanha, entrando assim na capital.

Quer dizer que o povo e o Exército se uniram contra a situação criada ao País pelos políticos. Foi o General Carmona que, numa entrevista concedida ao jornalista Óscar Paxeco, expressou, uma vez mais, esse querer. «Dia a dia verificávamos que era preciso fazer alguma coisa para pôr termo à situação em que se estava — a qual, todos concordávamos, era impossível continuar».

## ...«E os politicantes à parte»

Falam por si e pela consciência nacional os depoimentos que, ao acaso, recolhemos do período da arrancada do 28 de Maio de 1926.

Alheios a qualquer governo e a qualquer política que não fosse a salvação do País, podem contribuir para o despertar de muitos que não querem entender a lição da História, mesmo quando ela é de tão recente data...

Há, no entanto, uma certeza: é que hoje, como em 28 de Maio de 1926, estão irmanados no mesmo ideal as Forças Armadas e todo o País, fora os ingénuos e «os politicantes à parte».